

Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, na abertura da II Feira e Conferência Internacional de Tecnologia Naval – Fenashore 2007

Niterói-RJ, 24 de setembro 2007

Senhoras e senhores,

Minha primeira palavra é de congratulações e de votos de que esta feira seja um sucesso.

Na última terça-feira, dia 18, o presidente Lula, sabendo que eu estava para vir aqui, me pediu que trouxesse o seu abraço de congratulações ao governo do estado, ao prefeito, nosso querido Godofredo Pinto, e à nossa caríssima Jandira Feghali pelo acontecimento. Ele gostaria de estar presente porque nós sempre nos lembramos, por ocasião da campanha ainda em 2002, o quanto o incomodava o fato de que a indústria naval brasileira estava ociosa, parada.

E eu me lembro bem disso porque é uma circunstância na minha vida. Eu era presidente da Federação das Indústrias, em Minas Gerais, era vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria e, aqui no Rio, o nosso companheiro, colega de Federação, era o Artur João Donato, que era do ramo. E ele sofreu muito naquele tempo. Eu muitas vezes dizia que ele sofreu com dignidade, porque era um homem de uma dignidade ímpar. E nós, com toda aquela indústria preparada para produzir, estávamos prestigiando a indústria internacional em detrimento de tudo aquilo que diz respeito ao desenvolvimento da indústria nacional. Então, realmente está acontecendo, começa a acontecer a valorização da indústria naval brasileira. Isso é um fato já sentido, mas a nossa participação ainda é muito pequena em relação ao potencial do mercado nacional.

Eu ouvi com atenção o discurso, por exemplo, do Sérgio Machado, que foi meu colega no Senado, ele é um dos grandes parceiros através da empresa que preside. Enfim, a Petrobras é a grande parceira da indústria naval. Mas há hoje, e nós não podemos deixar de considerar, o fato de que o Brasil passou a

ser um dos maiores exportadores de grãos. Todas essas exportações se fazem através da via marítima.

O Brasil tem um potencial de terras aráveis que é objeto de citação dos especialistas do mundo inteiro. Então, o Brasil oferece condições excepcionais para o desenvolvimento da indústria naval. E isso vai acontecer.

A questão na navegação de cabotagem, que acabou, eu me lembro do tempo em que todo o arroz produzido no Rio Grande e que se destinasse ao mercado de São Paulo e Rio de Janeiro vinha pela navegação de cabotagem. Era muito mais econômico. E não só o abastecimento de São Paulo pelo Porto de Santos, como o abastecimento aqui da região Sudeste pelo cais do Porto do Rio de Janeiro, assim como todos os portos do Nordeste, até o Norte, o Pará, depois entrando pelo Amazonas, o que leva essa distância a coisa de 10 mil quilômetros, entre costa e o Rio Amazonas.

Então, nós temos um potencial gigantesco para o desenvolvimento da indústria naval e isso está acontecendo porque isso é o que o governo deseja, valorizar todo o setor da indústria brasileira, não em detrimento das importações, o Brasil tem feito crescer os negócios internacionais exportando e importando. Só que todas as características da economia nacional demonstram a nossa potencialidade nessa área para competir, não só no mercado interno, como no mercado internacional.

Eu quero cumprimentar o ilustre prefeito Godofredo Pinto,

O ilustre secretário Júlio César Bueno, nesta ocasião representando Sua Excelência, o senhor governador Sérgio Cabral,

Quero cumprimentar a minha querida amiga Jandira Feghali, nossa secretária do Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia do município de Niterói, em nome de quem eu saúdo todos os secretários do município aqui presentes. E os meus cumprimentos a ela são especiais pelo esforço que ela vem devotando ao trabalho que desenvolve aqui em Niterói e especialmente pela realização dessa Fenashore Niterói 2007,

Quero cumprimentar o excelentíssimo senhor João Carlos de Luca,

O senhor Haroldo Borges Rodrigues Lima,

O professor Roberto Salles, magnífico reitor da Universidade Federal Fluminense,

O presidente da Transpetro, Sérgio Machado,

Meu caríssimo eminente companheiro Marcelo Crivella, senador da República, em nome de quem saúdo todos os parlamentares aqui presentes,

O excelentíssimo senhor Carlos Mariani Bittencourt, presidente em exercício da Firjan,

Quero cumprimentar também o governador Moreira Franco, atual vice-presidente da Caixa Econômica Federal,

Senhores prefeitos de outros municípios aqui presentes,

Deputados federais, estaduais, vereadores, representantes de entidades públicas e privadas, vinculadas aos valores portuários, marítimos e de petróleo,

Autoridades estaduais e municipais, civis, militares, eclesiásticas,

Meus amigos,

Ninguém precisa ficar triste, meu discurso é curto. Não, porque em Minas há um intelectual que nos ensina, ele é compositor, poeta, escritor, e nos ensina que os discursos devem ser como os vestidos das mulheres: “nem tão curtos que escandalizem, nem tão longos que entristeçam”. Então, podem ficar tranquilos. É uma pena a nossa querida deputada Jandira Feghali, secretária, me prometeu que depois do Hino Nacional ia também sair um samba, e não saiu o samba, mas ela fica me devendo porque eu vou voltar a Niterói.

É uma grande satisfação participar da Niterói Fenashore 2007, que conta com a presença de ilustres especialistas e convidados para debater assuntos de elevado interesse para o desenvolvimento da região, do estado e do País, em quatro eventos simultâneos: Conferência Internacional, Rodada de Negócios, Mostra de Nacionalização e Exposição de Produtos e Serviços.

Saúdo os eminentes representantes de centros tecnológicos de excelência aqui presentes, de empresas nacionais e internacionais do setor, e de empresas vinculadas ao setor fornecedor de navieças aqui reunidos, transmitindo-lhes votos de que o evento produza resultados positivos e proveitosos na abordagem do tema central, tripartido em Desenvolvimento, Tecnologia Nacional e Capacitação de Recursos Humanos.

Cumprimento a Prefeitura de Niterói e à sua secretária de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia, o comitê organizador desses eventos, presidido pela senhora secretária Jandira Feghali; e o Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás, pela iniciativa de focalizar os debates da Niterói Fenashore 2007 em aspectos fundamentais a todas as atividades produtivas e, de modo

especial, à indústria que exige recursos humanos qualificados, permanente inovação tecnológica e investimento de porte em desenvolvimento para obter êxito na geração de negócios, na capacitação de recursos avançados e na ampliação do mercado de trabalho.

Portanto, são por demais oportunos os eventos que aqui se realizam, a Rodada de Negócios e a Mostra de Nacionalização irão promover a inserção sustentável das micro e pequenas empresas e o aumento do índice de nacionalização dos produtos e serviços da cadeia produtiva naval, *offshore*.

A Exposição de Produtos e Serviços e a Conferência Internacional são excelentes oportunidades para ampliar as perspectivas do setor e debater o melhor da tecnologia e as oportunidades comerciais de grandes investimentos, qualificação do trabalho e o potencial competitivo do maior pólo naval *offshore* do País: Niterói, estado do Rio de Janeiro.

A segunda edição da Feira e Conferência de Tecnologia Naval e *Offshore*, acontece apropriadamente na cidade que concentra os principais estaleiros do País e 80% do parque instalado da indústria naval brasileira, localizado entre as principais regiões produtoras de petróleo e gás do País. Niterói foi um dos municípios mais beneficiados pela recuperação da indústria naval. Em apenas cinco anos o número de postos de trabalho saltou de 1,5 mil para 12,5 mil. E hoje o setor é responsável por 20% da arrecadação total da cidade.

O Brasil possui costa marítima de mais de 8 mil quilômetros, somando-se a extensão do rio Amazonas até Manaus, que é considerado um porto marítimo, mais de 10 mil quilômetros. A maior parte do parque industrial brasileiro situa-se em uma faixa de cerca de 500 quilômetros dessa costa e, no entanto, a nossa matriz de transporte ainda é predominantemente rodoviária. Atualmente participamos com nossos navios com menos de 4% do transporte de nosso comércio exterior. No final da década de 70 transportávamos em navios de registro nacional ao redor de 22%. O transporte marítimo participa com menos de 14% da movimentação das cargas internas do País. As embarcações brasileiras participam com menos de um quinto das operações de apoio marítimo, às operações para produção de petróleo brasileiro no mar, e por pouco mais de 1% da tonelagem total de navios no mundo, ou seja, 19% da frota mercante, 19ª frota mercante mundial.

Mesmo com essa participação, que poderia ser pelo menos oito vezes superior, a Marinha Mercante brasileira gera diretamente mais de 12 mil empregos. Empregados das empresas de navegação brasileira operando em terra e na tripulação dos navios de bandeira brasileira são 12 mil.

Além disso, o serviço de transporte doméstico, a média e longa distância através de nossas águas, é o mais econômico, o mais seguro e o menos poluidor do País. Gera encomendas na indústria de construção naval brasileira, setor que emprega hoje diretamente cerca de 14 mil pessoas, mas que já chegou a empregar cerca de 40 mil na década de 70. Propicia economia de combustíveis, derivados de petróleo, consumindo óleo residual pesado ao invés de óleo diesel e contribui para diminuir o desgaste da nossa malha viária.

Em comércio exterior, ao redor de 100 bilhões de dólares anuais utiliza-se a via marítima para o transporte das mercadorias e são gerados, atualmente, mais de 8 bilhões em fretes, com forte tendência de crescimento. Ficam retidos no País apenas 2% desse valor, considerando empresas brasileiras de navegação privadas ou 3% se considerarmos também a participação da Petrobras.

Uma frota de navios brasileiros se traduz em instrumento estratégico para a segurança nacional e o País precisa estar preparado para prover o abastecimento dos mercados. Precisamos aumentar a participação de empresas brasileiras de navegação, utilizando navios brasileiros no transporte do comércio exterior.

Se no passado chegamos a transportar cerca de 22% desse comércio, é absolutamente viável a consecução da meta de 15% da carga. Precisamos estimular o desenvolvimento da navegação de cabotagem, aqui incluindo o setor de apoio portuário, de modo que seja executada por embarcações de registro brasileiro, com a perspectiva de dobrar a quantidade de contêineres transportados na cabotagem.

A participação de embarcações brasileiras no setor de apoio marítimo hoje é de aproximadamente 20%, mas devemos concentrar esforços para ampliar essa participação no mínimo para 50%.

Nesta Conferência Internacional sob o tema “Desenvolvimento, Tecnologia Nacional e Capacitação de Recursos Humanos”, serão discutidos assuntos da maior relevância para a consolidação do setor naval, tais como:

financiamento, aumento de conteúdo local e sustentabilidade dos projetos. Também estarão em debate a capacitação profissional e alternativas para obtenção de aço a preços competitivos. Dois desafios para uma indústria encarregada de construir 26 petroleiros para a Transpetro até 2010, além de plataformas para a Petrobras, principal mercado do setor naval brasileiro.

A Rodada de Negócios vai proporcionar a oportunidade de intercâmbio comercial como forma de gerar negócios futuros e criar postos de trabalho. A mostra de nacionalização poderá atrair fabricantes brasileiros e aumentar o grau de nacionalização das encomendas da indústria naval e *offshore*. Além dessa ampla programação da Niterói Fenashore 2007, a indústria da construção naval ainda abriu espaço para a sustentabilidade.

Para contribuir com a integração social de expositores, conferencistas e visitantes, teremos a arena de responsabilidade sócioambiental voltada para projetos de responsabilidade social, questões ambientais, integrando a indústria naval às demandas sociais da região.

Auguro que essas iniciativas tragam proveitoso intercâmbio de idéias, de conhecimento e de informação tecnológica. Transmito-lhes votos de boa estada em Niterói, onde o debate sobre o setor naval resultará em desenvolvimento, enriquecimento da tecnologia naval e melhor capacitação dos recursos humanos, enriquecimento da indústria naval como um todo.

Isso me faz lembrar e, antes de terminar eu me permito trazer aqui para vocês uma tese que eu tenho defendido e que sei que todo mundo conhece bem e sabe que é assim mesmo, mas às vezes ninguém recorda e ninguém bate em relação a essa tese. E é importante que se bata. Nós, no Brasil, durante anos e anos, cultivamos uma certa ojeriza ao lucro, à prosperidade empresarial. Isso é um erro que tem prejudicado historicamente o desenvolvimento nacional. Por que é um erro? Porque, primeiro, a empresa, seja ela gigantesca e estatal, como é a Petrobras, seja de porte grande, estatal ou privada, de porte médio, pequeno, minúsculo, cada uma das empresas, de qualquer tamanho que seja, estatal ou privada, é uma fração da economia do País, porque a economia é representada em qualquer país pelo setor primário, secundário, terciário e pela infra-estrutura. E são empresas que compõem esses quatro setores da economia. Então, nós queremos uma economia próspera, forte e independente. Para isso é preciso que suas frações o sejam.

Para que nós queremos essa economia próspera, forte e independente? Para que se alcancem os objetivos sociais. Então, a empresa, qualquer que seja ela, é um bem da comunidade. O empresário, ele vive muito mais para a empresa do que dela, o empresário vive para a empresa, realiza-se com o progresso dela, realiza-se com a sua prosperidade, que significa a prosperidade de uma fração da economia do País. Então, é preciso que nós aprendamos a defender a prosperidade empresarial, a aplaudir a prosperidade empresarial, porque assim estaremos aplaudindo e defendendo a prosperidade da nossa economia.